

# O sentido da deficiência auditiva para o japonês idoso\*

Diva Y. Kobata\*\*

Wladimir AP de L Damasceno\*\*\*

Silvia Friedman\*\*\*\*

## Resumo

*O presente trabalho teve como objetivo compreender, por meio de entrevista semi-estruturada, o sentido da deficiência auditiva para idosos imigrantes japoneses, que continuam a usar o japonês como língua oficial. Foram entrevistadas oito pessoas com idades entre 68 e 97 anos, que vivem no Brasil há mais de 40 anos. Os participantes da pesquisa tinham deficiência auditiva diagnosticada e tinham pouco domínio da língua portuguesa. As entrevistas abordaram a história particular de vida de cada participante, enfocando as particularidades da imigração para o Brasil; as relações com as línguas japonesa e brasileira; as relações sociais do passado e da atualidade e a relação com a deficiência auditiva. Os resultados revelaram que as queixas e limitações decorrentes da deficiência auditiva não têm valor central nas vidas dos entrevistados. A dificuldade de comunicação não é atribuída à deficiência, mas à falta de domínio da língua portuguesa. O valor da unidade familiar foi fator amenizador do handicap que distinguiu os idosos japoneses deficientes auditivos entrevistados de outros com o mesmo problema.*

**Palavras-chave:** idoso, deficiência auditiva, presbiacusia, transtornos da audição, qualidade de vida, percepção auditiva.

## Abstract

*The purpose of this paper is to comprehend, through interviews based on a semi-structured script, the meaning of hearing impairment to elderly Japanese immigrants who continue to use Japanese as their main language. Eight people from 68 to 97 years of age who have lived in Brazil for over 40 years were interviewed. The respondents had diagnosed hearing impairments and a poor command of the Portuguese language. The interviews followed a semi-structured script, requesting testimonies of each one's life history, focusing on particulars of their immigration to Brazil, their relationship with the Japanese and Portuguese languages, their social relations both in the past and today, and their relationship with the hearing impairment. The results revealed that the complaints and limitations deriving from the hearing impairment do not have a central bearing on their lives. The difficulty in communicating is not attributed to the hearing impairment itself but rather to the lack of command of the Portuguese language. We could emphasize the importance of the family unit as a factor that mitigates the handicap and that distinguishes the hearing-impaired elderly Japanese from other elderly individuals with the same disorder.*

**Keywords:** aged, hearing loss, presbycusis, hearing disorders, quality of life, auditory perception

\* Pesquisa vinculada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.  
 \*\* Mestre em Fonoaudiologia pela PUC-SP. \*\*\* Mestrando em Fonoaudiologia pela PUC-SP. \*\*\*\* Professora titular da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde – Programa de Estudos Pós Graduados em Fonoaudiologia - PUC-SP.

## Resumen

*El presente trabajo tubo como objetivo comprender, por medio de entrevista semi-estructurada, el sentido de la deficiencia auditiva para inmigrantes japoneses mayores, que siguen a usar el japonés como su idioma oficial. Fueron entrevistadas ocho personas con edades entre 68 y 97 años. que viven en Brasil hacen mas de 49 años. Los que participaron tenían deficiencia auditiva diagnosticada y poco dominio del idioma portugués. Las entrevistas abordaron la historia de vida particular de cada participante, con foco sobre las particularidades de su inmigración al Brasil; las relaciones establecidas con los idiomas japonés y brasileño; las relaciones sociales del pasado y de la actualidad y la relación con la deficiencia auditiva. Los resultados revelaron que las quejas y las limitaciones resultantes de la deficiencia auditiva no tienen valor central las vidas de los participantes. La dificultad de comunicación no se atribuye a la deficiencia pero a la falta de dominio del idioma portugués. El valor de la unidad familiar fue el factor que amenizo el handicap y distinguió a los deficientes auditivos japoneses mayores entrevistados de otros grupos con el mismo problema.*

**Palabras claves:** *adulto mayor, deficiencia auditiva, presbiacusia, trastornos de la audición, calidad de vida, percepción auditiva*

## Introdução

A cultura japonesa valoriza a unidade e a conexão, diferentemente da cultura ocidental, que valoriza a independência e a individualidade. Para os japoneses cada um faz parte de um todo, sem, entretanto, perder sua identidade e a felicidade é alcançada quando o bem-estar do grupo/família como um todo é estabelecido<sup>1</sup>.

A imigração japonesa foi incentivada em 1895, quando foi assinado o Tratado de Amizade Brasil-Japão. A partir de 1908 começaram a chegar ao Brasil os primeiros imigrantes, que se casaram e tiveram filhos, netos e bisnetos. Hoje, esses imigrantes já estão idosos e evidentemente enfrentam os problemas de saúde comuns à sua idade.

No processo de envelhecimento é natural que a pessoa sofra mudanças progressivas e degenerativas nas funções orgânicas e isto pode ter implicações sócio-psico-biológicas negativas e influenciar a qualidade de vida do idoso. As três alterações orgânicas mais prevalentes na população idosa, por ordem, são: artrite, hipertensão e presbiacusia<sup>2</sup>. Entre as queixas otológicas, a perda auditiva foi considerada a principal em uma população de idosos<sup>3</sup>.

A presbiacusia ou perda auditiva neurossensorial no idoso é caracterizada pela perda auditiva bilateral coclear progressiva e pode variar de grau e severidade conforme o indivíduo<sup>2</sup>. Essa privação sensorial, segundo Russo<sup>4</sup>, leva a dificuldades na

compreensão da fala dos interlocutores, o que atrapalha a comunicação, sendo um dos distúrbios da comunicação mais incapacitantes, impedindo o indivíduo de desempenhar o seu pleno papel na sociedade.

Para Demorest e Walden<sup>5</sup>, a habilidade para comunicar-se de um indivíduo com deficiência auditiva neurossensorial depende tanto de fatores sensoriais como não-sensoriais. Habilidades gerais de comunicação; aceitação ou negação da deficiência auditiva; adaptação emocional; assim como o comportamento e as atitudes dos familiares, colegas e amigos influenciam na atitude comunicativa do indivíduo portador de deficiência auditiva.

A World Health Organization – WHO<sup>6</sup> definiu *handicap* como a perda ou limitação de oportunidades no convívio da sociedade, no mesmo nível que os outros. Em relação à deficiência auditiva, esse termo visa trazer o foco para o meio ambiente e para as muitas atividades organizadas na sociedade, como por exemplo, as de informação, de comunicação e de educação, para as quais as pessoas com deficiência ficam impedidas de participar em nível de igualdade com as demais.

Costa, Sampaio e Oliveira<sup>7</sup>, que estudaram a autopercepção do *handicap* em deficientes auditivos idosos não institucionalizados, evidenciaram as implicações psicossociais da deficiência auditiva na vida dos indivíduos. Para Bance<sup>8</sup> a deficiência compromete as atividades funcionais diárias, além de ocasionar ou agravar quadros de depressão.

Para Pinzan-Faria e Iorio<sup>9</sup> o *handicap* é percebido de modo diferente, mesmo em idosos com a mesma sensibilidade auditiva. Ou seja, idosos com perda auditiva leve podem ter grande limitação social, bem como idosos com perda auditiva severa podem ter *handicap* baixo.

Além disso, a própria percepção da perda difere de pessoa para pessoa. No estudo de Sousa e Russo<sup>10</sup>, apesar de a maioria dos idosos apresentarem perda auditiva, poucos haviam percebido a mesma antes do exame realizado na pesquisa.

A experiência clínica de um dos autores deste artigo na área de avaliação audiológica e adaptação de auxiliar de audição principalmente com idosos japoneses, tornou possível perceber *in loco* que as avaliações audiológicas por si só, realmente, não refletiam todas as vivências relativas à deficiência auditiva. Pacientes com perfis audiométricos semelhantes tinham percepções diferentes do seu problema. Isso criou a necessidade de conhecer cada idoso individualmente, no seu mundo, as suas necessidades e limitações, as suas reações e atitudes frente às dificuldades de comunicação em seu ambiente pessoal, familiar e social.

Desse contexto nasceu o presente trabalho que tem como objetivo compreender o sentido da deficiência auditiva para idosos japoneses, no Brasil, que continuam a usar o japonês como sua língua principal.

## Material e método

Trata-se de pesquisa de caráter qualitativo em que foram analisados discursos de oito pessoas, obtidos por meio de entrevistas individuais semi dirigidas. Após a assinatura dos termos de consentimento, as entrevistas ocorreram na sala de atendimento ambulatorial de dois hospitais privados da cidade de São Paulo, local de trabalho de um dos autores, favorecidas pela relação de confiança existente entre os entrevistados e esse autor. Vale mencionar que esse autor domina a língua japonesa e que a entrevista foi feita por ele, nesse idioma. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCSP, protocolo nº 0023.

Os participantes da pesquisa foram escolhidos entre pacientes japoneses idosos, com deficiência auditiva diagnosticada e que tinham pouco domínio da língua portuguesa. Todos eram pacientes que estiveram sob os cuidados de uma das autoras, para adaptação de auxiliar de audição. Ao longo

do trabalho serão referidos com P1, P2 e assim sucessivamente. A idade dos participantes variou de 68 a 97 anos de idade e, na ocasião da entrevista, já usavam a prótese auditiva. Apenas um entrevistado respondeu em português.

As entrevistas, entendidas como práticas discursivas remetem ao uso efetivo da linguagem entendida como ação e permitem captar os sentidos produzidos, tanto no que contém de semelhante ou regular, como no que contém de diversidade. Trabalhar com produção de sentidos implica retomar a linha da história, para entender a construção social dos conceitos que no cotidiano dão sentido ao mundo. Sentidos sempre passíveis de renovação<sup>11</sup>.

Assim, as entrevistas caracterizaram-se por depoimentos sobre a história de vida, guiadas pelo seguinte roteiro: a) particularidades da imigração para o Brasil; b) relações com as línguas japonesa e brasileira: o processo de aprendizado dessas línguas e sua vivência de comunicação; c) relações sociais no Brasil, tanto nos dias de hoje como na época da imigração; d) relação com a deficiência auditiva, buscando conhecer as dificuldades na comunicação decorrente da perda auditiva.

Assentados nesse roteiro, as perguntas foram elaboradas de acordo com as necessidades de compreensão de cada participante. As entrevistas foram audio gravadas e transcritas em ortografia regular, sendo sete delas traduzidas do japonês para o português.

Para pensar sobre a produção de sentidos, a pesquisa apóia-se na perspectiva construcionista de produção de conhecimento proposta por Spink, que entende conhecimento não como representação da realidade, mas uma construção humana social, biológica e historicamente determinada.

Assim, segundo esta autora, a produção de sentido resulta da interface entre três tempos distintos. O tempo longo ou histórico, em que se inscrevem os conteúdos culturais socialmente construídos que formam os discursos de diferentes épocas e que permanecem na atualidade, influenciando-nos. O tempo vivido que corresponde à ressignificação dos conteúdos históricos a partir dos processos de socialização singulares a cada pessoa, em que pesam as relações familiares e escolares, entre outras. Nessa direção, explica a autora, dar sentido ao mundo implica posicionar-se em uma rede de relações, o que também implica a construção de versões plausíveis de si mesmo. O tempo presente, que se refere à microescala da interação social, às

relações face a face em que os interlocutores se comunicam diretamente, espaço aberto à criatividade que permite a construção de novos sentidos. É nesta dimensão em que se circunscreve a atividade de entrevistar<sup>11</sup>.

Para analisar o material colhido, primeiramente, realizou-se a leitura geral dos discursos transcritos com o objetivo de conhecer o todo. Posteriormente, fizeram-se diversas releituras do material sem prender a atenção a nenhum ponto específico, até ser possível organizá-lo em categorias que abrangessem todo o discurso obtido, levando-se em conta o objetivo da pesquisa<sup>12</sup>. As categorias encontradas que, evidentemente, foram influenciadas pelas perguntas feitas, permitiram a organização do conteúdo das entrevistas e foram as seguintes: *Como se Descreve*, *Ocupação no Brasil*, *Relação com a Língua*, *Relação Eu-Outros e Audição*.

A organização do discurso em categorias facilitou a análise e a interpretação dos dados: na categoria *Como se Descreve* estão conteúdos referentes à identificação, sexo, idade atual, idade da migração, características pessoais e contexto familiar; na categoria *Ocupação no Brasil* estão conteúdos referentes à época da imigração; na categoria *Relação com a Língua* estão conteúdos referentes às formas de aprendizado do português e às dificuldades e necessidades do aprendizado e na categoria *Relação Eu-Outros e Audição* estão conteúdos referentes aos grupos que os participantes frequentam hoje, à necessidade do domínio da língua, à necessidade diária do domínio do português e à dificuldades na comunicação decorrente da deficiência auditiva. Nem todos os participantes apresentaram conteúdos correspondentes a todas as categorias.

A partir da categorização do discurso construíram-se mapas dialógicos individuais a cada participante. Os mapas permitiram que o discurso transcrito não fosse fragmentado, visto que cada entrada de discurso está na categoria a que pertence, mas sempre uma linha abaixo do trecho que o antecede. Assim, tais mapas permitem a leitura do discurso em sua sequência original (segue exemplo na Tabela I). A leitura dos conteúdos na vertical, ou seja, dentro de uma categoria, revela os repertórios que são as unidades de construção das práticas discursivas: termos, descrições, lugares comuns e figuras de linguagem. A leitura horizontal revela a dialogia<sup>12</sup>.

A análise dos discursos apresentada foi acompanhada de fragmentos dos discursos dos entrevistados que ilustram as interpretações realizadas. Em cada categoria analisaram-se os discursos de todos os participantes, mostrando o que há de semelhante ou comum a todos e de singular a cada um, o que nos deu a visão do sentido no aspecto geral e singular.

Para caracterizar e contextualizar a deficiência auditiva dos participantes foram obtidos dados de avaliação audiológica por meio de audiometria tonal liminar, logoaudiometria no idioma japonês e imitanciometria (Tabela II). Foram utilizados os equipamentos: audiômetro RION, modelo AA-73 e QUALITONE, modelo WRBC e imitanciômetro MADSEN, modelo ZS 76-IB e DAMPLEX, modelo ZS-28 e cabina acústica, padrão de calibração ISO 8257/89.

A classificação das perdas auditivas obedeceu ao critério de Silman e Silverman<sup>13</sup> (adaptado de Carhart<sup>14</sup> e Lloyd e Kaplan<sup>15</sup>) que leva em consideração o desenho dos limiares de via aérea para cada orelha e considera as mudanças entre as oitavas de frequências a partir de 1.000 Hz (Tabela III).

## Resultados

A categoria *Como se Descreve* (tabela IV) sintetiza os dados relativos a sexo, idade atual e idade da migração, características pessoais e contexto familiar.

Na categoria *Ocupação no Brasil* encontrou-se, no relato de P1, P4, P6 e P7, a descrição de uma dura rotina de trabalho enfrentada pelos imigrantes nas fazendas, decorrente da falta de experiência e despreparo no trabalho com a terra. P8 esclarece que o marido iria trabalhar em uma empresa, mas devido a problemas decorrentes da guerra, não foi admitido. Pondo em foco um contexto muito diferente, P4 diz que a melhor coisa que lhe aconteceu foi morar no Brasil, próximo ao templo onde pode ir todas as manhãs. Disse que não ficou rico mas foi bom.

Na categoria *Relação Eu-Outros e Audição* os participantes falaram sobre a necessidade que sentiam de dominar a língua portuguesa no dia a dia; sobre as dificuldades na comunicação decorrentes da deficiência auditiva e da falta de domínio do português e sobre os grupos sociais de que participam, mostrando ter uma vida social ativa e frequentar grupos com predominância de

**Tabela I – Exemplo de Mapa Dialógico**

Como se descreve	Ocupação no Brasil	Relação com a língua	Relação Eu-Outros e Audição
E - Por favor, o seu nome e a sua idade. P2 - H.M. 79 anos E - Com quantos anos o Sr. Veio para o Brasil? P2 - Para o Brasil... 9 anos.			
	E - 9 anos. Por que o Sr. veio para o Brasil? P2 - Eu era pequeno. Então não sabia o porquê naquela época. Mas o Japão da época passava por muita recessão...		
		E - Quando o Sr. chegou ao Brasil, como era feita a comunicação? P2 - Como era criança. Logo aprendi uma coisa ou outra em português. E - Atualmente, o Sr. conversa em português? P2 - Ah, claro, então como era criança aprendi uma coisa ou outra, meias palavras em português.	
			E - Hoje em dia, mesmo com sua dificuldade, o Sr. é uma pessoa muito saudável, o Sr. tem freqüentado associações, clubes, algum grupo? Qual tipo de grupo o Sr. freqüenta? P2 - Vou na igreja. Lá conversamos dos mais diversos assuntos. Lá não entendo direito o que as pessoas falam. Mesmo agora que estou colocando o aparelho, acho que melhorou 50%.

**Tabela II – Classificação da Deficiência Auditiva dos Participantes**

Participante	Tipo de perda	Reconhecimento da fala	Adaptação mono/binaural
P1	Moderadamente severa à esquerda	Moderada	Monoaural
P2	Descendente em rampa moderada à severa	Acentuada dificuldade	Monoaural
P3	Descendente em rampa moderada	Discreta	Monoaural
P4	Descendente moderada a severa	Moderada à direita	Monoaural
P5	Configuração horizontal moderada bilateral	Moderado	Binaural
P6	Moderada	Moderado	Binaural
P7	Moderada	Moderado	Monoaural
P8	Moderadamente severa	Severo	Monoaural

**Tabela III - Classificação das perdas auditivas quanto ao grau da média dos limiares da via aérea, nas frequências de 500,1000 e 2000Hz**

Normal	Menor ou igual a 25 dB
Leve	Entre 26 e 40 dBNA
Moderada	Entre 41 e 55 dBNA
Moderadamente severa	Entre 56 e 70 dBNA
Severa	Entre 71 e 90 dBNA
Profunda	Maior ou igual a 91dBNA

Fonte: Silman &amp; Silverman (1997)

**Tabela IV – Detalhamento da Categoria Como se Descreve**

Identificação	Idade e Ano da Migração	Características Pessoais	Contexto Familiar
P1 Homem 68 anos	Chegou aos 23 anos, em 1954	Valoriza o conhecimento do japonês pela família	A esposa não entende português. Mora com filhos e netos. Em casa só falam japonês, todos falam japonês.
P2 Homem 79 anos	Chegou aos 9 anos, em 1929		
P3 Mulher 77 anos	Chegou aos 5 anos, em 1927	Apresentou problemas otológicos recorrentes na infância.	
P4 Homem 83 anos	Chegou aos 12 anos, em 1928	É de família budista, reza e estuda o budismo diariamente. Muito religioso, vê beleza em cada acontecimento.	Tem esposa e filhos
P5 Homem 89 anos	Chegou aos 49 anos, em 1960		Veio com a esposa e filhos. De 57 a 59 morou na Bolívia
P6 Homem 78 anos	Chegou aos 4 anos, em 1926		Veio com a família
P7 Mulher 86 anos	Chegou aos 14 anos, em 1928	Tinha uma vida feliz no Japão, quando a mãe era viva.	Veio com a família
P8 Mulher 97 anos	Chegou aos 27 anos, em 1929		Veio com o marido e filho

japoneses em que a língua oficial é o japonês, tais como karaokês, igrejas, associações esportivas e sociais, entre outros.

P4 diz: “É português de japonês, né? Então... Quando falam de comida ou de itinerário, isso eu entendo.” P5 diz: “Só me comunicava em japonês. Morava em lugares que só tinham japoneses. E depois que vim para Atibaia, lá tem muitos japoneses, e então não tenho dificuldade em me comunicar.” P6 comenta: “Entendo mais ou menos. Se não tiver palavras técnicas, consigo responder. Se for diálogo do dia-a-dia, consigo responder. Afinal de contas já estou no Brasil há 74 anos (risos). ...”. P8 diz: “Acho que é porque não ouço bem. Mesmo que eu pense em estudar o português, acaba ficando assim. Fica a vontade de estudar. Teria sido melhor se estivesse fazendo alguma coisa desde antigamente ... Se falarem em japonês é melhor.”

Nos discursos a seguir observa-se que a dificuldade de comunicação no idioma português não está tão marcada pela deficiência auditiva e sim pelo desconhecimento da língua portuguesa.

P1 diz: “Japonês é melhor. É 100% melhor. Português é péssimo (risadas) então dentro de casa só se fala japonês. Então na minha família todos falam japonês.” P3 diz: “Realmente o japonês é o mais fácil de ser entendido.” P4 diz: “Os brasileiros é que se acostumaram com os japoneses e eles é que entendiam o japonês. Sim, então podia falar de qualquer jeito (risos). Mas não sou capaz de transmitir o meu sentimento verdadeiro para as pessoas. Por não saber o português, nesses momentos, eu fico muito chateado.” P5 diz: “No geral, não tive dificuldades em me comunicar, mas quando vou me comunicar em particular com algum brasileiro, é o que mais não me conformo. Não entendo e não consigo conversar, porque não sei português. Às vezes penso, tenho vontade de conversar com brasileiros, perguntar alguma coisa, trocar uma idéia, mas não dá. Isso é o que mais me deixa chateado.” P8 diz: “Quando encontro com a Dona Vera, a gente conversa, amenidades, é verdade, entendo mais ou menos, mas não posso começar uma conversa, por exemplo.”

Especificamente sobre as limitações na comunicação decorrentes da deficiência auditiva disseram: P2- “Certamente tenho dificuldade. O deficiente auditivo não entende o que as pessoas falam. Entendem o que a gente fala. Lá não entendo direito o que as pessoas falam;” P3- “Quando conversam em voz alta muitas vezes não entendo.

Realmente, como se diz, quando falam em voz baixa, cochichada, não escuto, quando tomo ônibus, se sentam deste lado (mostrando o esquerdo) com a pessoa do lado esquerdo não consigo conversar nada. Portanto ter deficiência auditiva realmente é muito limitante;” P4- “Esse problema de não ouvir bem, faz uns quatro anos que não ouço bem. Antes disso eu escutava bem. ... Quais dificuldades? Hummm... Alguém vinha falar comigo, às vezes não entendia o que as pessoas falavam comigo. Não podia ficar perguntando toda hora o que a pessoa tinha dito, pedir para repetir, eu tenho vergonha... E com isso passava apuros, por causa da deficiência auditiva;” P5- “Depois que fiquei surdo, quando saio para algum lugar, não converso, não entendo o que falam. Até hoje tenho dificuldades. Mas indo às reuniões em japonês eu não entendia. Eu não entendo. Por isso que vim até aqui.(...) encontro com os meus amigos mas não consigo mais me comunicar bem com eles, então desisti de frequentar esses lugares .... Moramos eu e minha esposa em uma casa separada dos meus filhos. Converso a maior parte do tempo com ela, e quando falava era frequente ela ter que repetir umas 3 vezes a mesma coisa e eu assim mesmo não entendia;” P6- “Eu ouço um pouco. Apenas não ouço mais a televisão, então vou dormir cedo. Quando converso com a minha esposa, acabamos discutindo (risos). Eu peço para falar mais alto, como não fala, então respondo que não vou responder, então fica esse mal-entendido, porque eu não ouço direito;” P8- “Por causa da deficiência auditiva, às vezes tenho dificuldades. ... Quando estou assistindo vídeo, mesmo regulando o volume, o locutor está falando, mas não entendo o que ele está falando, acabo ficando irritada e sempre penso que poderia ouvir melhor... Fico cansada e desisto de assistir televisão. ... Como não entendo direito, participo, mas não assumo responsabilidades.”

Dois participantes relatam não sofrer em decorrência do problema auditivo. P3 diz: “Mas acho que nossa conversa do dia-a-dia, não tenho dificuldades. Mas, como não escuto, não ligo! (risos). Eu penso que o que escuto é normal.” P7 diz: “Não acho que esteja tão, deficiente auditiva assim. Ainda consigo falar ao telefone. Falo com meus irmãos, com minhas amigas.”

Os participantes valorizam a utilização do aparelho auditivo e se beneficiam com o uso dele. P2 diz: “Mesmo agora que estou colocando o aparelho, acho que melhorou 50%. Estou pensando

em colocar mais um para sentir se poderei ouvir melhor. ... Pelo menos se colocar aparelho eu ouço melhor.” P5 diz: “Fico com vontade de sair. Então, às vezes tenho ido para as reuniões. Indo a essas reuniões, podendo ouvir e entender o que as pessoas falam, acho isso muito bom e fico muito feliz com isso. Isso também estou experimentando. ... É claro que tenho dificuldades quando não estou usando o aparelho auditivo. ... Entender o que falam na primeira vez quase não acontece, se eu não estiver usando o aparelho. ... Mas entendo que isso também é consequência da idade, sei que não vou entender quando falam bem baixinho, mas está melhor do que antes. Eu entendo isso.” P8 diz: “Sim, por isso estou usando o aparelho. Assim, posso ouvir melhor, mas se falam de longe, tenho dificuldades.”

Na categoria *Relação com a Língua* os participantes falaram sobre as formas como aprenderam o português e o japonês, bem como sobre as dificuldades e as necessidades desse aprendizado.

P4 diz: “Tinha um professor brasileiro que nos ensinou um pouco de português. (...) quando estava indo na escola. No japonês também tem essas regras. (...)mas não tinha muita vontade de estudar o português. ... Eu não aprendi nada. Tenho vergonha. ...não aprendi português? Porque no início, quando era jovem pensava em voltar para o Japão. Depois que fiquei mais velho, não tinha mais sentido aprender português, trabalhei feito um condenado. Só pensava em trabalhar.” P5 diz: “Não falo nada. Sei muitas palavras. Como sei muitas palavras, fico de lado ouvindo a conversa das pessoas. Tem coisas que eu entendo apesar de ser em português. ... Fiquei no Japão até 46 anos.” P6 diz: “Eu não estudei o português. O português, falando em poucas palavras, é o ‘português caboclo’. É verdade. ... Fui aprendendo naturalmente. Nesse contato com os brasileiros, fui aprendendo naturalmente o português.”

P2, P3 e P6 aprenderam o português informalmente, brincando com outras crianças.

P2- “Como era criança, logo aprendi uma coisa ou outra, ..., meia palavras em português. Como era criança não tinha necessidade de conversar coisas importantes... Para se comunicar, não tinha muito contato com os gaijins, então não tive a sensação de que estava tendo dificuldades para me comunicar;” P3- “Antigamente não falava nada. Agora consigo falar um pouco. Os gaijins sabiam falar um pouco do japonês (...)e assim

aprendi devagarinho; P6- *Aprendi informalmente, brincando com as outras crianças. ...*”

P2 e P8 estudaram formalmente o português.

P2- “... enquanto estava na fazenda, não frequentei escola... Depois que viemos para São Paulo, criamos os filhos, e então depois que cumpri mais ou menos as minhas obrigações, resolvi estudar e frequentei madureza, terminei o ginásio e pensei em entrar na faculdade (risos) ... quando pensei em passar na outra metade dos exames, fiquei doente, e ..., acabou (risos)”. P8- “Não aprendi. Não tem jeito. Sempre acabo falando em japonês. Estudei até a 3ª, 4ª série. Estudei, mas não assimilei. Só o japonês. ...”

P4 e P6 foram autodidatas. P6- “... o japonês, aprendi em casa, afinal de contas meus pais falavam em japonês... . Eu não frequentei escola em nenhuma da língua, nem em japonês e nem em português. O que sei escrever atualmente é o que aprendi sozinho. (...) E como não sei nem um e nem outro direito, houve episódios em que passei muita vergonha. Não saber das coisas é humilhante.” P4- “... depois que cheguei do Japão, as pessoas que tinham saído do 2º ano ginásial lá no Japão estudaram japonês das 4h até o sol raiar durante dois anos. Assim, entendo um pouco o japonês. Consigo ler pelo menos o jornal. ... Aprendi um pouco, mas não tinha muita vontade de estudar o português. O japonês ainda estudei um pouco. ... Doamos 1000 alqueires do nosso sítio e lá construímos o nosso salão e estudamos japonês.”

P8 pretende estudar pelo menos as palavras técnicas da sua área na língua portuguesa. Ela diz: “A partir do ano que vem teremos o ensino médio aqui na escola, ..., e assim não está bom ... Estou pensando em estudar um pouco de português. Eu penso nisso. ... Ah, eu sinto falta, eu tenho necessidade de saber um pouco mais do português. ... As palavras técnicas na área da educação por exemplo, seria necessário eu saber. Eu entendo o que está sendo feito com a educação, mas não sei as palavras técnicas e não sei fazer as apresentações, então nesses momentos, eu tenho dificuldades em expressar as minhas opiniões. ...”

P4 considera o português mais fácil que o japonês, apesar de não o dominar. Ele diz: “... O que eu posso considerar difícil é que, talvez, o português é mais fácil do que o japonês. Se vai estudar japonês, é muito difícil. ... Para o japonês, existe esse problema de ideograma, e os outros dois alfabetos. No português existe somente um alfabeto.”

## Discussão

Os participantes desta pesquisa revelaram em seus discursos estar bastante apoiados por suas famílias. Comparecem ao atendimento ambulatorial onde, como se disse, atende um dos autores, sempre acompanhados de alguém com quem podem falar em japonês e por quem podem ser auxiliados na comunicação com os outros. Essa condição básica em suas vidas pareceu ser a determinante das percepções diferenciadas que revelaram em relação ao problema auditivo, no sentido de pouco sofrimento psicológico e pouco prejuízo social, se comparados aos dados sobre percepção da deficiência auditiva encontrados na literatura em pesquisas com indivíduos de outros grupos culturais<sup>16, 17, 8</sup>.

Fora do contexto familiar, os participantes revelaram ser atuantes em grupos sociais em que o idioma dominante é o japonês. Como se observou, os entrevistados desta pesquisa não revelaram nenhuma vivência de isolamento ou segregação; não revelaram diminuição da auto-estima nem dependência de outros que acarretasse sofrimento ou declínio do seu *status* na família e/ou na sociedade.

Nessa direção, também os estudos de Silveira<sup>18</sup> e de Wieselberg<sup>19</sup> demonstraram ausência de isolamento ou segregação; de baixa auto-estima ou dependência que acarretasse sofrimento, em grupos de deficientes auditivos brasileiros.

## Conclusão

A partir da compreensão do sentido da deficiência auditiva para o japonês idoso foi possível concluir que, embora apresentem algumas queixas e limitações decorrentes da deficiência auditiva, o *handicap* auditivo não teve um valor central nas vidas dos 8 participantes desta pesquisa. Os discursos mostraram que, independentemente do grau de dificuldade decorrente da perda auditiva, os participantes buscaram a adaptação de auxiliar de audição e têm se beneficiado com melhoras na comunicação.

Foi possível concluir ainda que a unidade familiar foi o fator amenizador do *handicap* que distinguiu os idosos deficientes auditivos japoneses aqui entrevistados de outros deficientes auditivos idosos, mostrando que o seu *handicap* está mais relacionado à falta de domínio da língua portuguesa que à deficiência auditiva em si.

## Referências bibliográficas

1. Leicand CP, Rothschild D. Imigração e intercultura – problemática transgeracional. Instituto Sedes Sapientiae, 2000.
2. Almeida MR, Guarinello AC. Reabilitação audiológica em pacientes idosos. Rev Soc Bras Fonoaudiol. 2009;14(2):247-55
3. Calais LL, Borges ACLC, Baraldi GS, Almeida LC. Queixas e preocupações otológicas e as dificuldades de comunicação de indivíduos idosos. Rev Soc Bras Fonoaudiol. 2008;13(1):12-9.
4. Russo ICP. Intervenção audiológica no idoso. In: Ferreira LP, Befi-Lopes DM, Limongi SCO, organizadores. Tratado de fonoaudiologia. São Paulo: Roca; 2009. p. 585-96
5. Demorest ME e Walden BE. Psychometric principles in the selection and evaluation of communication self-assessment inventories. J Speech Hear. Dis., 49: 226-40, 1984.
6. World Health Organization (WHO). International classification of impairments, disabilities, and handicaps. Geneva: World Health Organization (WHO); 1999.
7. Costa MHP, Sampaio ALL e Oliveira CACP de. Avaliação do benefício da prótese auditiva digital e da percepção da desvantagem auditiva ou “handicap” em idosos não institucionalizados. Arq. Int. Otorrinolaringol. São Paulo, v.11, n.2, p. 159-168, 2007.
8. Bance M. Hearing and aging. CMAJ. É preciso ir à biblioteca para saber como deve ser a apresentação do nome desta revista. 2007; 176(7):925-7.
9. Pinzan-Faria VM, Iorio MCM. Sensibilidade auditiva e auto-percepção do handicap: um estudo em idosos. Distúrb Comun. 2004;16(3):289-99.
10. Sousa MGC, Russo ICP. Audição e percepção da perda auditiva em idosos. Rev Soc Bras Fonoaudiol. 2009;14(2):241-6.
11. Spink MJP, Medrado B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: Spink MJP (org). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez Editora, 2004. p. 41-61.
12. Spink MJP, Lima H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos sentidos passos da interpretação. In: Spink MJP (org). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez Editora, 2004. p.93-122.
13. Silman S, Silverman CA. Auditory diagnosis. San Diego, Academic Press, Inc. 1997.
14. Carhart R. Classifying audiograms: an improved method for classifying audiograms. Laryngoscope, 55: 640-62, 1945.
15. Lloyd LL; Kaplan H. Audiometric interpretation: a manual o basic audiometry. University Park Press: Baltimore; 1978. P. 16 – 7, 94.
16. Wingfield A, Tun PA, McCoy SL. Hearing loss in older adulthood. What it is and how it interacts with cognitive performance. Current Directions in Psychological Science. 2005; 14(3):144-8.
17. Ferreira MIDC, Signor RC. O perfil do idoso usuário de prótese auditiva: um estudo da satisfação. Rev Fonoaudiologia Brasil. 2006; 4(1): 9-10
18. Silveira KMM. A percepção da deficiência auditiva em um grupo de idosos institucionalizados da cidade de Franca. São Paulo, 1997. [Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].
19. Wieselberg MB. A auto-avaliação do handicap em idosos portadores de deficiência auditiva: o uso do H.H.I.E. São Paulo, 1997. [Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].



Em outros artigos, a revista (e o artigo) é apresentada desta mesma forma. Como por exemplo em: Mondelli MFCG, Lopes AC. Relação entre a Hipertensão Arterial e a Deficiência Auditiva. Arq. Int. Otorrinolaringol. 2009;13(1):63-68 (pode ser acessado em: [http://www.arquivosdeorl.org.br/conteudo/acervo\\_port.asp?id=590](http://www.arquivosdeorl.org.br/conteudo/acervo_port.asp?id=590))

Relação entre Deficiência Auditiva, Idade, Gênero e Qualidade de Vida de Idosos (pode ser acessado em: [http://www.arquivosdeorl.org.br/conteudo/acervo\\_port.asp?id=483](http://www.arquivosdeorl.org.br/conteudo/acervo_port.asp?id=483))

A importância de um Grupo de Reabilitação Auditiva para Idosos (pode ser acessado em: [http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-98232010000200017&lng=pt&nrm=iso](http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232010000200017&lng=pt&nrm=iso))

**Recebido em junho/11; aprovado em julho/11.**

**Endereço para correspondência**

Wladimir Alberti Pascoal de Lima Damasceno  
Rua Ministro Godói, 1142, apto 14 – Perdizes  
São Paulo - SP  
CEP 05015-001

**E-mail:** [revisdic@pucsp.br](mailto:revisdic@pucsp.br)

